

Construindo nossa Percepção e Leitura Histórica sobre a América Latina e seus Problemas

Antonio José do Nascimento Filho*

Resumo

Neste artigo estamos apresentando diversas perspectivas teológicas diferentes, a respeito da relação entre ação social e evangelismo, com a finalidade de enriquecer a nossa visão de mundo cristã. Evidentemente certas perspectivas teológicas, fomentadas por determinados teólogos, dificilmente passariam pelo crivo da Palavra de Deus.

Entretanto, procuramos neste artigo lançar as bases para uma melhor compreensão teológica e missiológica do papel do engajamento social, além de discutir as implicações mais amplas desta questão para a igreja contemporânea.

Palavras-Chave

Missiologia, missão, engajamento social, preocupação social, Calvino.

Introdução

A América Latina é um dinâmico tapete, um vivo mosaico, um caleidoscópio. Nenhuma analogia fará justiça a este continente que, de tão diverso, entrou em crise. O turista só consegue reconhecer a estreita realidade que lhe é apresentada e assim raramente terá uma percepção justa, correta e abalizada da realidade latino-americana. Os repórteres internacionais, por sua vez, focalizam simplesmente aqueles assuntos que servirão para a sua agência internacional: crime, violência, insegurança e instabilidade econômica. Mui raramente terá o turista, ou o jornalista internacional, condições de entender a complexidade histórica e espiritual desta vasta área e o seu legado hispano-lusitano.

O que pode fazer o pesquisador cristão, estudioso da América Latina, diante desse quadro? Evidentemente, é de se esperar que o cristão lance mão de todos os recursos disponíveis para entendê-la e ao nosso povo.

O problema é que trabalhamos já munidos de uma série de pressuposições ou pré-entendimentos, que nos induzem a fazer uma aferição e um julgamento "de fato e de valor" sobre o nosso continente. Nós, cristãos, temos falhado em fazer uma leitura histórica neutra sobre a cristianização do continente e sobre o papel da Igreja. E quais as razões por trás disso?

O teólogo William Taylor, professor da Universidade de Dallas, em sua obra *Crisis in Latin América* (1989, p.21), elucida o assunto, sugerindo quatro razões básicas:

- Isso acontece porque, muitas vezes, a nossa percepção histórica dos fatos já está preestabelecida;
- Porque a nossa percepção histórica está arraigada nos valores da classe média ou

dominante, ou de um certo contexto socioeconômico;

- Porque a nossa percepção histórica é autoprotcionista, visando salvaguardar o *status quo* da Igreja;
- Porque a nossa percepção histórica é exacerbadamente institucional e denominacionista.

Se quisermos construir a nossa cosmovisão, precisamos rogar ao Espírito de Deus por iluminação, para um claro entendimento deste continente, ao fazermos a nossa leitura histórica.

Alguém que viaja pela região, mesmo que seja em um só país, por certo chegará à conclusão de que não existe uma América Latina somente, mas muitas. Se atentarmos para o ponto de vista étnico, temos diversas raças: espanhóis, portugueses, índios, europeus, africanos e orientais, numa profunda mistura genética que faz do “novo mundo” o que ele é.

Pode-se constatar a sua variedade geográfica: das áreas desérticas até as suas florestas tropicais, dos vastos pampas até a alta Cordilheira dos Andes, que corta quase todo o continente. Pode-se constatar o mesmo do ponto de vista regional: México ao norte, as nações caribenhas, os países da América Central, as nações andinas e os países do Cone Sul, incluindo Brasil, Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai.

Há de se considerar ainda o aspecto lingüístico. Não existe somente uma língua falada por todos na América Latina. O espanhol é a língua nacional, na maioria dos países (cerca de trezentos milhões de habitantes); o idioma inglês é a língua falada em alguns outros (Bahamas, Guiana Inglesa, Belize, Jamaica); e o português é a língua falada no Brasil (cerca de 160 milhões de pessoas). Contudo, existem ainda cerca de 670 línguas e dialetos, falados em toda a América Latina. A maioria absoluta dessas línguas já eram faladas antes mesmo de Colombo pisar nas terras do novo mundo. Há na Guatemala, por exemplo, 25 línguas diferentes.

Se optarmos pelo aspecto socioeconômico como fator determinante, havemos de constatar discrepâncias ainda maiores: existe uma classe alta dominante, correspondente a 3% a 5%; uma classe média, correspondente a 15%; e uma classe baixa, correspondente a 80% da população. Inserida na chamada “classe baixa”, há uma faixa de 20% de miseráveis, ou seja, dos que vivem em extrema pobreza.

I. Controvérsia acerca do Nome

Se não existe uma só *América Latina*, o que, então, justifica este nome? O renomado escritor colombiano Germán Arciniegas, em sua obra *Latin America: A Cultural History*, faz a seguinte assertiva sobre os vários grupos étnicos que formam o mosaico americano:

A América está dividida em quatro grupos étnicos distintos: 1) hispano-americanos,

América portuguesa (Brasil), América inglesa (U.S.A) e América anglo-francesa (Canadá). Quando os quatro processos históricos são claramente delineados, um melhor entendimento de suas diferenças e semelhanças torna-se possível. Por causa de uma série longa de experiências (três séculos de dominação espanhola), os habitantes da América hispânica falam espanhol e, junto à língua falada, são predominante católicos como os seus colonizadores. A América portuguesa do Brasil recebeu como legado de seus colonizadores a língua portuguesa, o catolicismo romano e uma cultura diversificada de vários povos: negros, índios, brancos e europeus imigrantes, nos últimos dois séculos. A América inglesa dos Estados Unidos construiu a sua língua, tão rica quanto o seu país, herdando os primeiros habitantes das treze colônias o espírito de tenacidade no trabalho e a devoção ao seu Deus e aos valores éticos e morais de sua fé. O povo da América anglo-saxônica do Canadá fala duas línguas: o inglês e o francês. O Canadá está incluído entre os cinco maiores países do mundo, com uma população bastante pacífica e homogênea. Para nós, estas quatro Américas são quatro províncias numa massa continental, caminhando juntas em trilhas separadas, em busca da mesma coisa: Liberdade (Arciniegas, 1972, p.26).

Como foi, então, que esta vasta área foi batizada com o nome de "América"? Certamente Cristóvão Colombo não imaginou isso. Ele estava convicto de que havia descoberto o caminho para a Índia, ou mesmo que havia alcançado as costas do país. Por estar convencido disto, chamou os nativos habitantes da terra de "índios". Imediatamente, a Espanha denominou as terras recém-descobertas de "Índias Ocidentais" nos seus mapas, cujo título permaneceu por quase quatro séculos. No tempo em que se tornou claro que as terras descobertas eram, na realidade, o "novo mundo", já era tarde para retificar o erro, ou não havia razão para isso, conforme pensavam os colonizadores.

Na verdade, o título inspirou-se em um empresário italiano que seguiu a Colombo, segundo é historiado por Donald Marquand Dozer em sua obra *Latin America: An Interpretative History*:

Entre 1499 e 1502, um homem de negócios de Florença (Itália) que possuía negócios em Sevilla (Espanha), Américo Vespúcio, realizou três viagens no curso das quais descobriu a foz do Rio Amazonas e explorou toda a costa da América do Sul, desde a Venezuela até o Rio da Prata (Argentina). Suas descobertas tornaram-se notórias em toda a Europa da época e, assim, as terras do novo mundo passaram a ser chamadas de América, em homenagem àquele navegador (Dozer, 1979, p.9).

Quando "Estados Unidos da América" foi escolhido como o nome da república norte-americana, os franceses, por sua vez, começaram a chamar os povos de língua hispânica e portuguesa de *latino-americanos*, tendo em vista as línguas de origem latina. Alguns outros nomes foram sugeridos para o continente, tais como: América Hispânica ou Íbero-América. A realidade é que nenhuma dessas denominações é completamente abrangente e adequada para entender e descrever a rica complexidade histórica e cultural dos povos que compõem o que é chamado hoje de América Latina. Todos esses nomes alijam completamente a herança indígena e negra que os povos que vivem atualmente neste continente receberam dos seus antepassados.

O escritor Gérmán Arciniegas, Prêmio Nobel da literatura mundial, ressalta alguns elementos que cimentam a história dos povos latino-americanos:

Uma herança comum pré-colombiana; a conquista hispânico-portuguesa; o período colonial e os movimentos de independência; a herança religiosa da Igreja Católica

Romana em todos os segmentos da vida; um misticismo religioso muito forte oriundo dos diversos povos formadores da América Latina; uma profunda diversidade cultural e musical, com seus ritmos eletrizantes; uma comunicação de gestos e de linguagem mais dinâmica e agressiva, que os torna uma cultura tocável (*Latin America Touchble Culture versus North America Untouchble Culture*) (1972, p.27).

II. Igreja e Crise Urbana

Neste início do terceiro milênio, quando a Igreja de Jesus Cristo enfrenta grandes desafios para a evangelização do mundo, mudanças radicais devem ser feitas, com o objetivo de atender efetivamente às necessidades espirituais e humanas de cada grupo.

As rápidas mudanças sociais que ocorrem atualmente na América Latina constituem um vasto movimento revolucionário de idéias, instituições e indivíduos, que, em sua amplitude e complexidade, parece desafiar a análise e a descrição. Grandes problemas econômicos estão surgindo, com a demanda por padrões de vida mais elevados, por melhor assistência médica e por maiores oportunidades educacionais.

De uma perspectiva sociológica, a Igreja é uma instituição, incorporada em um ambiente sociopolítico. Como tal, ela exerce um impacto na vida de muitas pessoas. A grande questão que gostaríamos de abordar neste artigo é: como a Igreja pode funcionar melhor, como agente eficaz da evangelização, neste contexto sociopolítico da América Latina?

Entre as mudanças que vêm ocorrendo nos últimos tempos, a preponderante é a demográfica, que transformou o perfil do globo. E a mudança mais evidente é a incrível explosão generalizada de habitantes. Neste sentido, os missiólogos Dayton e Frazer comentam:

Para compreender o que isto significa, imaginemos um círculo representando o mundo de 6 bilhões de pessoas (população mundial em 1999). Podemos dividir os 6 bilhões em três partes, aproximadamente 2 bilhões cada. Um terço dessa população professa a crença em Jesus como Senhor (Dayton & Frazer, 1999, p.3-4).

Nas cidades da América do Sul, uma parcela considerável deste crescimento deve-se à busca de emprego, ao sub-emprego. De acordo com Johnstone, "há na América Latina 35 cidades com mais de um milhão habitantes, número que inclui duas das maiores cidades do mundo – São Paulo (Brasil) e Cidade do México" (1988, p.64). A imensidão dessa explosão urbana desafia qualquer avaliação.

Embora a América do Sul tenha sido descoberta há cinco séculos, e apesar de ela representar uma sétima parte da superfície terrestre do planeta, muito pouca atenção tem sido dispensada às imensas possibilidades e incomparáveis condições dessa região das Américas. Em quase todos os seus países são enormes as possibilidades de desenvolvimento. Johnstone menciona alguns fatores que corroboram o ingente e múltiplo empenho com o qual essas nações devem ser focalizadas e compreendidas:

Rápido crescimento da população, regimes corruptos despóticos e crescente dívida internacional, desde 1978, têm provocado graves crises econômicas nos anos 80. Brasil, Argentina, Bolívia e Peru têm, particularmente, sérios problemas de dívida internacional. Em algumas terras, violentas mudanças podem ser precipitadas pelos baixos padrões de vida, há crescente empobrecimento e somente uma débil esperança de alguma melhora

rápida. O hiato entre as elites ricas e os pobres é um dos que devem diminuir, se uma mudança pacífica deva ocorrer (Ibidem, p.65).

III. Igreja e Crises Sociais da América Latina

Na passagem do último século, em 1899, quando realizou em Roma seu primeiro plenário, o Concílio Latino-Americano analisou os perigos que ameaçavam a Igreja Católica Romana, acrescentando o protestantismo à mesma relação, juntamente com maçonaria, superstição, paganismo, liberalismo e secularismo. O protestantismo chegou à América do Sul no século dezenove. Os missionários protestantes, a maioria dos quais norte-americanos, juntamente com numerosos convertidos que foram logo arrebanhados, favoreceram a separação entre a Igreja e o Estado, a liberdade de consciência e a educação pública universal, como meio de liberdade espiritual e progresso social.

É incontestável que a semente plantada pelos missionários protestantes durante o século dezenove começou a dar frutos; a despeito da grande oposição da parte da Igreja estabelecida, as igrejas protestantes foram rapidamente ganhando terreno e não podiam ser desconsideradas. Padilla, em sua obra *The New Face of Evangelicalism*, descreve o desafio que o protestantismo representou para o catolicismo romano na América do Sul.

Em 1955, o protestantismo tinha se tornado uma questão de tamanha preocupação para a Igreja Católica Romana que a primeira Conferência Episcopal Latino-Americana (Celan), reunida no Rio de Janeiro, considerava-o uma das principais forças hostis, o que tornou necessário recorrer à ajuda de missionários da Europa e da América do Norte (Padilha, 1975, p.77).

Nos tempos atuais, o continente sul-americano encontra-se numa situação dinâmica e revolucionária, caracterizada por crescimento demográfico explosivo, mobilização interna de massas humanas, formação de grupos sociais (trabalhadores, estudantes, camponeses), que pressionam em prol de reformas, incipiente porém acelerado processo de industrialização e desintegração de grupos tradicionais. O caráter revolucionário da situação emerge da oposição radical entre as forças em conflito e da nítida piora das condições de miséria, fome, doença, ignorância e ansiedade em que vive a grande maioria da população, bem como da ausência de canais normais de mobilidade social, que dariam alguma esperança por um futuro melhor.

Mesmo entre os evangélicos, a situação econômica não é diferente. Qualquer pessoa familiarizada com o protestantismo na América do Sul sabe que, aí, uma alta porcentagem de cristãos protestantes é constituída de pessoas pobres. Eles sempre foram historicamente – e grandes contingentes ainda o são – pobres, incultos e excluídos das decisões mais importantes tomadas pelos líderes nacionais para melhorar sua própria vida e a de outros na sociedade. Taylor elucida este aspecto de forma bastante apropriada:

Os missionários enviados à América Latina – ou a qualquer outro lugar para o mesmo propósito – devem procurar entender as condições contemporâneas. Como missionários, não podemos desfrutar o luxo do ministério sem uma crescente sensibilidade diante dessas crises. Aqui estão alguns dos fatos penosos que enfrentam os latino-americanos: I. A explosão populacional entre aqueles que não podem permitir-se ter mais filhos, justamente os pobres. Há uma população correntemente chegando próxima de 400 milhões, mas que dobrará dentro de 33 anos ao ritmo atual de crescimento. Onde vão viver? O que vão comer? Como irão à escola? Quem lhes proverá assistência médica e

empregos? 2. Um espírito predominante de desesperação que tão tragicamente obstrui um desenvolvimento saudável. 3. A incerteza de que haja sistemas políticos e a ânsia contínua por aqueles que tragam estabilidade. Assim, como missionário na América Latina, tenho sido engolfado pelas duras realidades de meu verdadeiro contexto latino-americano. Tive de compreender o que estava por trás das ferventes questões da América Latina (Taylor, 1991, p.53).

Considerando todas estas condições, se o objetivo principal da Igreja é o evangelismo, que, por sua vez, visa à conversão, esta conversão implica, antes de mais nada, uma mudança radical de estilo de vida, que passa a envolver pelo menos três relações novas – com Cristo, com a Igreja e com o mundo – as quais têm importantíssimas conseqüências, uma vez que os resultados do evangelismo incluem:

- obediência (a quem é agora reconhecido como Senhor);
- incorporação à sua Igreja (porque pertencer a Cristo é pertencer ao povo de Cristo, conforme Atos 2.4,47); e
- serviço responsável no mundo (porque a conversão perderá todo o sentido se não resultar em mudança da vida egocêntrica para a vida de serviço sacrificial, conforme Marcos 10.43-45).

Todo cristão é chamado para a missão de evangelização e para testemunhar, em palavras e atos, por meio do dom que Deus lhe tenha dado.

IV. Papel Social da Igreja no Contexto Latino-Americano

A palavra "igreja" origina-se do vocábulo hebraico "*am*" e do termo grego "*eklesia*", que vem a significar "congregação ou ajuntamento de povo". A Igreja é um centro de fermentação da sociedade contemporânea. A sociedade secular usualmente a considera uma ordem antiquada, sem a qual o grupo social e os indivíduos poderiam funcionar de forma mais efetiva. Alguns teólogos e missiólogos, ao contrário, reconhecem que a Igreja cumpre com o seu propósito divino na medida em que ela se envolve com a sociedade, renunciando à preservação de uma identidade peculiar. Outros, por sua vez, colocam a Igreja no coração do propósito divino para a presente era e vêem o crescimento como uma de suas responsabilidades supremas.

A Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo tem uma importante tarefa a cumprir no mundo atual. A primeira missão da Igreja, e, por conseguinte, das igrejas, é proclamar o evangelho de Cristo e reunir os crentes em comunidades cristãs locais, onde possam ser edificados na fé para se tornarem eficazes na obra e, por este meio, plantarem novas congregações por todo o mundo. Naturalmente, há muitas outras tarefas relevantes a serem realizadas pelos crentes em Cristo, seja como indivíduos, seja como comunidade. Poucos desses objetivos serão realizados, porém, a menos que novos crentes sejam acrescentados à Igreja universal e que as igrejas existentes cresçam até a plenitude daquele que é sua Cabeça.

Ao longo dos séculos, a resposta à Grande Comissão (Mateus 28.18-20) incluiu:

- ministério de evangelistas itinerantes;

- criação de uma enorme variedade de movimentos, organizações e ordens, que podem ser agrupadas sob o nome de "movimentos paraeclesialísticos";
- organização de instituições cristãs, tais como congregações, agências de envio de missionários, denominações, escolas fundamentais, ministérios para a juventude, centros de retiro, acampamentos, orfanatos, faculdades, seminários teológicos, hospitais;
- recrutamento e envio de missionários a outras partes do planeta;
- tradução e distribuição universal da Bíblia;
- fundação de comunidades de cristãos comprometidos a dar testemunho da sua fé.

As missões paraeclesialísticas são vistas como "braços da Igreja", com o fim de empreender todo tipo concebível de boa obra, desde alimentar o faminto até imunizar a população contra enfermidades. Estes são empenhos dignos de serem alcançados e, de acordo com Gálatas 6.10, que devem ser qualificados como realizações cristãs. Além disso, deve ficar bem claro que as organizações formadas para cumpri-las devem proclamar que Deus está perdoadando os pecadores e reconciliando-os consigo por meio de Jesus Cristo, que foi feito Senhor sobre o céu e a terra.

Neste sentido, pergunta-se: Como é que as *boas-novas* de Jesus Cristo poderão ser eficazmente levadas a todas as nações, tribos e raças? Certamente, homens dotados, ungidos, terão de cruzar fronteiras e quebrar barreiras, como pioneiros, para comunicar o evangelho a cada uma dessas pessoas. Somente o evangelho pode transformar os corações humanos, e nenhuma outra influência torna as pessoas mais humanas. Entretanto, a fé cristã não pode limitar-se à proclamação verbal. Para além da evangelização de todo o mundo, o povo de Deus deve mobilizar-se para tornar-se mais sensível ao sofrimento humano e envolvido no cuidado, ajuda e outros tipos de assistência social, trazendo glória ao Senhor e promovendo a justiça e a paz entre os homens.

É interessante lembrar, neste contexto, que o termo "missão" deriva da palavra latina *missio* (enviar), que se refere à proclamação do evangelho a todos os homens em todas as partes do mundo. Uma vez que ela objetiva a conversão das nações em todos os tempos (Mateus 28.19,20; Atos 1.8), o envio de missionários é, portanto, de máxima importância. A interpretação atual da missão vê esta atividade da Igreja como parte da *missio Dei*, do Deus triúno, que se propõe a reconciliar o mundo consigo por meio de Cristo. Assim como o Pai envia seu Filho, assim eles enviam a Igreja sob a direção e inspiração do Espírito Santo.

A missão é um instrumento da ação divina na história, para a consumação de seus propósitos entre as criaturas humanas. Por essa razão, o missiólogo David Bosch lembra que este ofício tem: "origem no coração de Deus. Ele é uma fonte da qual emana amor. Esta é a mais profunda origem da missão. É impossível penetrar ainda mais fundo; há missão, porque Deus ama as pessoas" (Bosch, 1992, p.392).

Em seu sentido mais amplo, "missão" é tudo o que a Igreja faz a serviço do Reino de Deus. Em sentido mais restrito, contudo, refere-se à atividade missionária, à pregação do evangelho entre povos e culturas que ainda não ouviram falar dele. Nos meios teológicos, esta discussão tem sido associada intimamente à *evangelização*. O termo "evangelização", por sua vez, deriva da palavra grega *euaggelion* (boas-novas),

mensagem anunciada, implantada e desenvolvida para salvar os seres humanos, todos pecadores. O verbo do Novo Testamento *euaggelizesthai* (da palavra grega *euaggelizesqai*), indica o meio para transmitir o evangelho, as boas-novas de Jesus Cristo.

De acordo com Hesselgrave, “[...] a missão primária da Igreja, e, por conseguinte, das igrejas, é proclamar o evangelho de Cristo e reunir os crentes em igrejas locais, onde possam ser edificados e preparados no serviço, a fim de plantarem novas congregações por todo o mundo” (1980, p.20).

Em sentido amplo, a evangelização pode ser vista como a obra integral da Igreja para proclamar o Reino de Deus (Marcos 1.15). Ela compreende três amplas categorias de ministério:

- evangelismo – proclamação do evangelho aos ainda não alcançados dentro de nossa própria sociedade ou cultura;
- atividade missionária – uma proclamação que interage com a cultura do público-alvo;
- atividade pastoral – ato de prover e aprofundar o evangelho entre aqueles que já o aceitaram.

Orlando Costas, conhecido teólogo latino-americano, apresenta uma interessante definição:

Evangelizar é participar de uma ação transformadora, isto é, as boas-novas da salvação. Neste sentido, a evangelização não é um conceito, mas sim uma tarefa dinâmica, encarnada primeiro na vida e ação salvífica de Jesus Cristo. Portanto, ela não pode ser reduzida a uma fórmula verbal. Evangelizar é reproduzir pelo poder do Espírito Santo a salvação que foi revelada em Jesus Cristo (Costas, 1989, p.133).

Os cristãos reformados, semelhantemente, professam a seguinte confissão sobre a essência da missão cristã:

O Filho de Deus, por amor de toda a raça humana, do princípio ao fim do mundo, congrega, defende e preserva para si mesmo, por seu Espírito e Palavra, na unidade da fé, uma Igreja escolhida para a vida eterna (*Catecismo de Heidelberg*, Dia do Senhor, XXI).

A inflexível atividade redentiva do Filho de Deus, exposta nesta passagem do Catecismo de Heidelberg, demonstra-se de forma intensa na atualidade. Obreiros estão sendo enviados por Deus em resposta às orações de seu povo, o evangelho está alcançando progresso sem precedentes em muitos países, pessoas de muitas culturas estão nascendo de novo e igrejas estão sendo plantadas. Em contrapartida, há um notável agravante, apontado por teólogos e missiólogos: o fenômeno das mudanças tão aceleradas e freqüentes no mundo de hoje. Glasser mostra com sensibilidade que este será um dos maiores desafios da nova era.

O mundo tem mudado grandemente desde o Congresso Internacional de Evangelização Mundial, realizado em Lausanne, Suíça, em 1974. Urbanização acelerada e conseqüente

secularização, assustadora explosão populacional associada à desintegração da família, uso de drogas, terrorismo e violência, inflação e crescente empobrecimento, somados a um padrão universal quase epidêmico de corrupção política – todas estas realidades têm conspirado para provocar uma sensação universal de mal-estar, com pouca perspectiva de remediar nos dias à frente (Glasser, p.4).

Um dos sintomas deste mal-estar entre os evangélicos é a tensão que algumas vezes podemos observar entre evangelismo e preocupação social. Nem sempre é fácil harmonizar palavras e ações, pregação e prática, ou proclamação e demonstração, conjuntamente em uma postura bíblica construtiva. Ambos os lados, muitas vezes, parecem até ficar orgulhosos pelo fato de estarem dando pouca ou nenhuma atenção às forças que defendem a posição oposta. A nosso ver, contudo, nada impede os cristãos de apreciar a validade bíblica de ambos, em seus mútuos argumentos, e chegar a um consenso que reflita uma posição bíblica mais completa. Poderiam, então, apresentar ao mundo uma posição cristã mais forte e mais equilibrada do que poderiam fazer isoladamente.

Cristo chama os cristãos para verem as coisas pela ótica da outra pessoa. Se eles obedecessem, poderiam obter uma visão muitas vezes mais clara da realidade em seus múltiplos aspectos. O cristianismo converge para a vida como um todo, não apenas para as suas partes. É preciso um esforço especial para manter a perspectiva equilibrada, que atenta da forma mais imparcial possível para todo o panorama.

V. Posições Teológicas Distintas quanto ao Papel Social da Igreja

V.I Ação Social como Traição ao Evangelismo

Isto nos leva a uma primeira posição extrema. Com seu pressuposto epistemológico dualista, associado a uma espécie quase gnóstica de pietismo pessoal, conivente com a desesperança do mundo (com guerras e rumores de guerra, pestilência, fome, tremores de terra etc.), muitos adeptos desta visão consideram o envolvimento social uma tentativa indevida de legitimar o ilegítimo. O mundo para eles é mau e irremediavelmente corrupto. Os crentes devem afastar-se dele, se quiserem evitar a contaminação. Stott localizou a raiz desta visão da reação dos evangélicos contra a disseminação do evangelho social no início do século vinte (Stott, 1980, p.1).

Os seguidores desta tendência esquecem-se do fato de que o Deus da redenção é também o Deus da criação, que se assenta sobre o círculo da Terra e mantém juntas todas as coisas. Esquecem-se também o princípio de que o sal e a luz não podem fazer sentido, se isolados, mas somente se eles se encontrarem com o amor em meio à escuridão deste mundo.

V.II Ação Social como Evangelismo

Há evangélicos cuja linha de distinção entre a responsabilidade social e o evangelismo é

tão frágil que pode ser desprezada. Em seu ensaio sobre a crise contemporânea, Richardson afirma que o evangelismo é ação social. Conclui sua tese com estas palavras: "A ação social dificilmente é um subproduto do evangelismo, porque ela ocorre no momento em que alguém aceita o chamado para o discipulado" (Richardson, 1977, p.89).

Castro rejeita como artificial qualquer tentativa de estabelecer uma distinção entre evangelismo e envolvimento social. Vê ambos existindo de forma separada, os quais podem ser vistos individualmente à medida que interagem. Em outro artigo, ele declara: "O evangelismo existe somente onde há preocupação social. Sem ela pode haver propaganda, proselitismo, mas dificilmente boas-novas" (1978, p.88). Esta posição também se torna perigosa, uma vez que pressupõe que nunca pode haver evangelismo se não houver ação social, o que se contrapõe ao ensino e exemplo das Escrituras sobre o assunto.

V.III Ação Social como um Meio para o Evangelismo

Os sinônimos para a palavra *meio* são, neste contexto, *ponte* e *preparação*. Qualquer forma de atuação social, quer seja a de alimentar o faminto, dar remédio para o doente, educar o analfabeto, reabilitar refugiados, é vista como um meio para um fim, ou seja, o evangelismo e a conversão.

Visto deste ângulo, considere-se, por exemplo, o princípio de passar do conhecido para o desconhecido, da necessidade sentida para a real, do material para o espiritual. O ensino do Senhor Jesus Cristo a respeito de si mesmo, como o verdadeiro pão da vida, logo após alimentar cinco mil pessoas com o pão material, adverte a pessoa contra uma desconsideração apressada deste episódio (vide João 6.1-29), que nos exorta para o nosso papel de observarmos e procurarmos atender às necessidades do nosso próximo.

A história das missões modernas revela que os missionários que a marcaram positivamente se preocuparam com ambos os aspectos, a pregação do evangelho e a assistência social, como, por exemplo, prover medicamento para o doente, educação para os incultos etc. Na época da Colônia, muitas conversões que ocorreram no campo missionário tiveram lugar em escolas da missão.

Para tanto, Lindsell nos oferece a regra chave: "Toda vez que a assistência social tornar possível o confronto com os homens com o evangelho, será útil" (Lindsell, 1965, p.439).

V.IV Ação Social como uma Manifestação do Evangelismo

Os defensores desta visão vêem o envolvimento social como uma demonstração do evangelho. O primeiro dá visibilidade ao último. A analogia da fé e obra na epístola de Tiago é muitas vezes usada para explicar este ponto de vista. Stott, embora não seja ele próprio um defensor desta linha, chama este tipo de ação social de "sacramento" da

prática evangelística, já que sua função é torná-la visível. Neste sentido, identifica um forte precedente no ministério de Jesus Cristo, cujas palavras e ações eram tão inseparáveis quanto duas irmãs gêmeas. Entretanto, ele expressa também inquietação, uma vez que essa visão "faz da assistência uma subdivisão do evangelismo, um aspecto da proclamação" (Stott, 1977, p.26).

Acrescente-se também que a diferença entre este ponto de vista e o anterior (que a ação social é um meio para o evangelismo) é apenas uma questão de grau e não de natureza, já que ambos visam ao mesmo resultado.

V.V Ação Social como um Resultado ou Conseqüência do Evangelismo

A posição de Johnstone é o ponto de partida desta concepção, que ele mesmo tão bem descreve:

A ação sociopolítica foi sempre parte de ensiná-los "a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado" (Mateus 28.20). A missão da Igreja era o evangelismo por seus membros no lar e fora dele. Expressões de amor e compaixão no evangelismo no lar e fora do lar são evidentes em dispensários, hospitais, escolas e orfanatos, que contribuem para a missão de evangelizar (Johnstone, 1978, p.360).

Arthur Johnstone advoga as visões daqueles que crêem que mudar as pessoas, por meio da proclamação verbal do evangelho, é primordial; além do mais, é simplesmente uma conseqüência natural a pessoa que tem uma vida de fato transformada tornar-se socialmente envolvida. Os advogados deste ponto de vista sustentam vigorosamente a prioridade do evangelismo. A ação social e a melhoria das condições sociais são vistas como válidas, somente se houve uma verdadeira conscientização da sociedade para aceitá-los e sustentá-los.

V.VI Ação Social como Parceira do Evangelismo

O principal defensor desta visão é Stott. Ele articula sua tese nas seguintes palavras:

Como parceiros, ambos se pertencem e, não obstante, são independentes um do outro. Cada qual firma-se sobre seus próprios pés, em seu próprio direito, lado a lado. Nenhum deles é um meio para o outro, ou mesmo uma manifestação do outro, pois cada um é um fim em si mesmo. Ambos são expressões do amor não fingido (Stott, 1977, p.27).

Para sustentar melhor a sua posição, Stott chama a atenção dos cristãos para a analogia entre *ter* e *ver* do apóstolo João (3.17,18). Ele se apressa em acrescentar que as duas coisas, evangelismo e ação social, nem sempre precisam andar juntas, uma vez que as situações variam, como também variam os chamados cristãos. Argumenta que, normalmente, a pessoa não deverá ter que tomar uma decisão radical e excludente, mas deve saber que a salvação eterna é mais importante do que o bem-estar temporal.

Esta visão tem recebido duas críticas principais, conforme elucida Johnstone:

Ela tem criado dicotomia desnecessária que, no final do dia, enfraquece o testemunho verbal da Igreja pelo evangelismo. Esta visão não somente impede o crescimento da Igreja, mas prova-se [sic] autodestrutiva, uma vez que os filhos potenciais do Reino não

estão reunidos para produzir seu fruto do espírito no mundo (Johnstone, 1978, p.1).

E o próprio Stott responde a esta alegação, dizendo:

As palavras e obras de Jesus, por certo, pertenciam indissolavelmente umas às outras. Em determinado sentido, suas obras tornaram suas palavras visíveis, foram uma proclamação visual do evangelho do Reino e suscitaram fé. As boas obras cristãs de amor têm a mesma natureza e efeito (Stott, 1977, p.26).

Em segundo lugar, a posição que vê a ação social como uma parceira do evangelismo tem sido criticada por sugerir a idéia de que esta seja uma *tarefa básica* para o evangelismo, que, por sua vez, tem sido interpretado por seus críticos como tornando a preocupação social algo supostamente subordinado ao evangelismo. A isto Stott respondeu, admitindo a expressão:

São parceiros distintos, ainda que iguais, uma vez que ambos os ministérios (evangelístico e dedicação social) são qualificados não somente em teoria, pela importância maior do eterno (2 Coríntios 4.17,18), mas em prática, ambos por situações existenciais e chamados especiais (Stott, p.22).

V.VII Ação Social e Evangelismo como Iguamente Importantes

Podemos citar alguns expoentes neste campo, como, por exemplo, Ronald Sider, Samuel Escobar e David Bosch. Se há palavras adequadas para caracterizar a missão da Igreja, de acordo com Bosch, elas são os conceitos bíblicos de *martyria* (testemunha) e os subconceitos de *kerygma* (proclamação), *koinonia* (comunhão), *diakonia* (serviço) e *leitourgia* (liturgia).

Quanto à questão sobre como articular a obra social e o evangelismo, Bosch responde:

Eles se assemelham às duas lâminas da tesoura, que operam em uníssono, mantidos juntos pela *koinonia*, a comunhão, que, de igual modo, não é parte separada da tarefa da Igreja, mas sim o cimento que mantém juntas a *kerygma* e a *diakonia*... ambas dimensões indissolavelmente unidas (Bosch, 1980, p.227).

Bosch assinala um reconhecimento de uma variedade de dons, significando que diferentes cristãos desempenham diferentes papéis, e, mais importante, variando situações que requerem diversificação de formas do testemunho cristão. Bosch e Stott concordam neste ponto.

Em sua opção distinta, e ao mesmo tempo igual, Sider vê, entretanto, uma inter-relação inseparável. Ele afirma ainda que proclamar o evangelho bíblico envolve sempre um chamado para o arrependimento e a renúncia a todo o tipo de pecado. Para consubstanciar sua alegação, cita os papéis de William Wilberforce na Grã-Bretanha e conclui:

Os Evangelhos não estabelecem nenhuma indicação, seja teoricamente, seja pelo espaço devotado a cada um, de que Jesus considerou a pregação das boas-novas mais importante do que curar as pessoas doentes. Ele nos recomendou tanto alimentar o faminto quanto pregar o evangelho, sem acrescentar que este último era fundamental e o

primeiro seria feito quando e se houvesse tempo disponível (Sider, 1979, p.17).

Evidentemente, este ponto de vista não é isento de críticas. Ele falhou ao “parecer reduzir o vertical em benefício do horizontal”, mas sua contribuição é por certo notória.

V.VIII Ação Social Como Parte da Proclamação do Evangelho

Esta é a tendência dos que a advogam que a assistência social é mais do que apenas alimentar o faminto e curar o doente. É empenhar-se no intuito de fazer a justiça de Cristo permear cada aspecto da vida – social, econômico, religioso, político etc. A tarefa da Igreja permanece a de pregar o evangelho e conquistar o mundo para Cristo. Mas esta tarefa de pregar o evangelho do Reino também já diz tudo, incluindo a responsabilidade sociopolítica da Igreja e de seus membros.

Em seu livro *A Christian Manifesto* (1981) [Um manifesto cristão], Schaeffer defende veementemente que a verdadeira espiritualidade cobre tudo da vida e tudo por igual. Recorda que os velhos movimentos de reavivamento espiritual reivindicavam, sem nenhuma dúvida e com extraordinária clareza, a salvação pessoal. Mas eles também reivindicavam uma ação social conseqüente. Schaeffer reforça sua posição, lembrando o nome de homens como Lord Shaftesbury (1801-1855), que lutava pela justiça em favor do pobre em meio à Revolução Industrial, e William Wilberforce (1759-1833):

Estes homens não fizeram essas ações ocasionalmente, mas porque as viram como parte da boas-novas de Cristo. Deus usou os envolvidos nos reavivamentos para produzir os resultados duradouros, não somente no que se refere à salvação individual, mas também à atividade social, testemunhando em palavras e em obras (Ef. 2:10) (Schaeffer, 1981, p.63).

VI. A Influência Social de Calvino e de Lutero

Como presbiterianos e reformados que somos, conhecedores da genuína tradição cristã, não podemos ignorar a realização da missão benfazeja, misericordiosa e compassiva dos cristãos em prol da sociedade como um todo. Testemunhar o evangelho em palavras e em obras é dever de todo cristão.

Usaremos, nesta parte final, como paradigmas da missão social da Igreja, o exemplo magnífico que nos foi legado pelos reformadores João Calvino e Martinho Lutero. Eles viveram num contexto e clima político, socioeconômico e religioso de mudanças, no final da Idade Média (1300-1500).

O feudalismo havia começado a declinar e fortes governos monárquicos centralizadores estabeleciam-se na Europa. A Renascença havia promovido o humanismo com a reativação do ensino do grego e do latim; há desenvolvimento da ciência e as novas tendências nas artes; economicamente, há desenvolvimento contínuo do comércio e da indústria, que incentivaram uma economia capitalista, mudando a estrutura social, entre outras coisas. É preciso considerar ainda o grande influxo de pessoas nas cidades, em busca de novos empregos, trazidas pelo empobrecimento econômico de amplas camadas da sociedade, especialmente colonos e famílias de agricultores.

VI.I Preocupação de Martinho Lutero na Área Social (1483-1546)

Para compreender a visão de Lutero sobre o evangelismo e a responsabilidade social, deve-se conhecer seu conceito dos dois reinos: o Reino de Deus e o reino deste mundo. O cristão, como filho de Deus, pertence ao primeiro, e, como cidadão deste mundo, pertence ao último. Ele é, portanto, responsável perante Deus, bem como perante a autoridade civil.

Com respeito à responsabilidade social, Lutero ensinou duas importantes verdades. A primeira é que, embora ele reconheça a relevância das boas obras, rejeita a idéia de que estas trazem perdão pelos pecados. Em suas 95 Teses (1517), ele declara:

Os cristãos devem ser ensinados que aquele que dá ao pobre ou empresta ao necessitado pratica uma obra melhor do que comprar perdões (43).

Os cristãos devem ser ensinados que aquele que vê um homem em necessidade, passa por ele e dá [seu dinheiro] por perdões, não compra as indulgências do papa, mas a indignação de Deus (45).

É preciso considerar, neste sentido, que Lutero se opunha à visão anabatista de separação entre Igreja e Estado, porque acreditava que Deus pode usar o governo secular para estabelecer a justiça social, tanto que, em 1520, ele escreveu uma carta aberta à nobreza cristã e instou o Estado a fazer reformas econômicas e sociais para melhorar a vida do pobre.

VI.II Preocupação Social de João Calvino (1509-1564)

Calvino está acima dos demais líderes da Reforma francesa e suíça. De Genebra, ele causou profundo impacto sobre a Europa e o restante do mundo. Ironicamente, por poderosa que fosse a sua influência ali, ele foi sempre uma espécie de hóspede em terra estranha. Em certo sentido, era apenas um dos muitos refugiados que viviam naquela cidade com seus olhos em sua terra natal, esperando que algum dia toda a França fosse evangelizada e que a religião reformada pudesse prosperar livremente (Mackinnon, 1962; Parker, 1975).

Esperando esse dia, ele e seus amigos acolhiam a contínua corrente de protestantes refugiados das áreas dominadas pelo catolicismo romano, oferecendo-lhes comida e abrigo. Um grande diferencial característico da reforma calvinista foi a institucionalização desta hospitalidade, pela criação de um fundo de assistência social, que ficou conhecido como *Bolsa Francesa* ou *Fundo Francês para Estrangeiros Pobres*, destinado àqueles que chegavam em Genebra para viver de acordo com a visão reformada da Palavra.

Sua influência foi consolidada por meio da academia que ele fundou, que mais tarde se tornaria Universidade de Genebra. As instituições educacionais foram nitidamente importantes para ele. Calvino promoveu a educação na escola secundária e insistiu sobre a educação primária compulsória para meninos e meninas. Ele também compreendia a relevância das instituições de caridade para o bem-estar, não apenas dos totalmente indigentes e desfavorecidos, mas de muitas vítimas dos eventos históricos de seu tempo. Neste sentido, Olson comenta:

A estrutura organizacional para a caridade em Genebra, a Bolsa Francesa, foi uma instituição fundamental que cuidou não apenas de muitos refugiados humildes e de pobres daquela cidade, mas também de refugiados franceses de importância e conseqüência. A Bolsa Francesa foi uma parte importante daquele sistema de bem-estar,

porque foi dedicada a estrangeiros em uma cidade popular para os refugiados (Olson, 1989, p.12).

Calvino revelava, freqüentemente, uma sensibilidade para a posição e necessidades do indivíduo no seio da sociedade, sobretudo dos desprivilegiados e dos pobres, como comenta Wallace:

Do púlpito ele muitas vezes saía de seu estilo para incitar a consciência de seus ouvintes sobre seu dever para com os desprovidos financeiramente ao seu redor. Quando ele pregava sobre a proibição do Velho Testamento de despojar o devedor pobre de um penhor insuportável por seu débito, ele falava em voz alta que pode ser ouvida hoje como um reclamo de que nenhuma sociedade deve privar qualquer homem da oportunidade de trabalhar para seu sustento (Wallace, 1990, p.123).

Os seres humanos são feitos à semelhança de Deus, possuindo capacidades peculiares que os distinguem da criatura animal ou vegetal. É isto o que importa para seu valor peculiar e que sempre tem inspirado a filantropia cristã. Assim, o fundamento cristão para o cumprimento da obra social está no ensino bíblico acerca do homem. Na verdade, os seres humanos são decaídos e sua imagem divina desfigurou-se; porém, a despeito de sua natureza pecaminosa, eles são ainda imagem de Deus (Gênesis 1.26,27; 9.6). A imagem de Deus em todas as pessoas (Gênesis 1.7) não foi completamente obliterada pela queda.

Um ponto de partida natural para examinar a herança teológica da tradição reformada é João Calvino. Ele lançou os fundamentos do que viria a tornar-se a Igreja reformada no protestantismo. A centralidade da doutrina da *Imago Dei*, para Calvino, é reforçada pelo fato de ele ter iniciado sua edição das *Institutas* com a seguinte afirmação:

A fim de que cheguemos a um conhecimento seguro de nós mesmos, devemos primeiramente aceitar o fato de que Adão, progenitor de todos nós, foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gênesis 1.26,27). Isto é, ele foi dotado de sabedoria, eqüidade, santidade, e foi tão imbuído por esses dons de graça perante Deus que poderia ter vivido para sempre nele, se permanecesse firme na integridade que Deus lhe havia dado (Calvino, 1960 - *Institutas* 1536).

Ele esclarece ainda mais sobre esta *Imago Dei* nos seres humanos em sua *Institutas* 1559, em que apresenta uma série de *insights* complementares. Estava certo de que a *imago* pode estar diretamente relacionada a um dom de Deus e a um atributo da natureza criada do homem original.

Portanto, a integridade com que Adão foi dotado é expressa por esta palavra [*imago*], quando ele tinha plena posse da compreensão correta, quando tinha suas afeições mantidas nos limites da razão, todos os seus sentidos dispostos em perfeita ordem e verdadeiramente atribuía sua excelência aos dons excepcionais concedidos a ele por seu Criador (Calvino, 1960, p.188 — *Institutas* 1.15.3, 1559).

Calvino estava convencido de que os seres humanos foram criados por Deus para ocupar uma parte importante do desígnio, e a natureza especial do homem deve-se integralmente à marca criativa divina que ele carrega (ibidem, 1.15.3, 1559).

Em sua afirmação a respeito da imagem de Deus, foi claro em dizer que todas as pessoas

foram criadas à imagem do Criador. Ao falar sobre quem os cristãos devem amar, Calvino afirmou que o amor pelo próximo não depende do comportamento daquela pessoa, "mas aqui a Escritura ajuda da melhor forma ao ensinar que não devemos avaliar se os homens têm méritos próprios, mas olhar para a imagem de Deus em todos os homens, aos quais devemos toda honra e amor" (ibidem, p.696).

Todos somos inteiramente dependentes de Deus, e, por conseguinte, subservientes a ele. Cumprir nossa responsabilidade divina para com nosso próximo requer total subserviência às necessidades de todos. Onde há responsabilidade mútua, há servitude mútua.

Em resumo, Calvino insiste em que todos devem ser sociáveis e prestativos. Na realidade, ele definiu a sociedade em seu comentário sobre Efésios (5.21) "como um jugo de mútua servitude, na qual há uma obrigação mútua de todas as pessoas, bem nascidos e servos igualmente". Nesta linha de raciocínio, seu pensamento pode proporcionar orientação ao nosso século, no campo da ética dos relacionamentos sociais, indicando como a vida cristã pode e deve ser vivida, mesmo no contexto latino-americano atual.

A íntima relação entre evangelismo e ação social, praticados na tradição calvinista, produziu inúmeros benefícios sociais, especialmente nos países do Terceiro Mundo. Neles, as sociedades missionárias protestantes começaram a irradiar, no final do século dezoito, a mensagem do amor de Deus em palavras e atos.

VI.III Impacto da Visão Social de Calvino nos Séculos Posteriores

O impacto do movimento calvinista em Genebra, sobre vários movimentos pela reforma social, é bem conhecido. Numerosos cristãos reformados, que haviam sido influenciados pelo calvinismo, introduziram reformas sociais na Europa e na Inglaterra, por meio de Atos Parlamentares, durante os séculos seguintes.

Alguns exemplos destas reformas permanecem até hoje. John Howard levou as reformas carcerárias à Inglaterra e à Europa no final do século dezoito. Podemos lembrar ainda da campanha de William Wilberforce, na Inglaterra, contra o tráfico de escravos, obtendo sua abolição em 1833. George Williams fundou a Associação Cristã de Moços (YMCA), em 1844, e a Associação Cristã de Moças (YWCA), em 1855. William e Catherine Booth fundaram o Exército de Salvação, em 1859.

Durante o primeiro Despertamento na Nova Inglaterra, Jonathan Edwards (1703-1758) pregou sobre a justificação pela fé e o Espírito de Deus começou a manifestar-se extraordinariamente. O empenho de Edwards pela justiça social juntou-se ao estabelecimento do Reino de Deus, como comenta Forell:

Em *Pressing into the Kingdom of God*, Edwards incentivou todos os cristãos a decidir-se pelo Reino de Deus, crendo firmemente em seu estabelecimento na terra com o poder transformador do evangelho. Ele também escreveu *Obligations to Charity*, que é o dever absoluto e indispensável do povo de Deus, isto é, dar generosa e prontamente para suprir as necessidades do desprovido (Forell, 1966, p.301).

O século dezenove é conhecido pela enorme expansão das missões cristãs em todo o planeta. Não se deve imaginar, contudo, que os missionários se concentraram de modo exclusivo na proclamação verbal. Evidentemente, eles a praticaram, mas também exerceram muito trabalho social. O Rev. Peter Parker (1804-1888), por exemplo, é visto como um dos primeiros missionários-médicos das missões modernas. Foi um graduado do Yale College e preparou-se para o serviço missionário com um programa de graduação em estudo médico avançado. Em 1834, foi enviado como ministro ordenado pelo Conselho Americano de Comissionados para Missão Exterior (ABCFM). Em 1835, viajou ao Cantão, China, onde fundou um Hospital Oftálmico, cuja fama irradiou-se rapidamente entre os residentes estrangeiros, como também entre os chineses. Foi ele, ainda, quem introduziu a cirurgia oftálmica na China.

A importância da obra missionária do Dr. Parker fica clara neste trecho de Grundmann:

Para sustentar o hospital, e com o propósito de dar uma extensão e uma permanência mais amplas para os esforços que já tinham sido feitos para ampliar os benefícios de medicina e cirurgia entre os chineses, o Dr. Parker, em cooperação com outros estrangeiros, organizou em 1838 a Sociedade Missionária Médica na China. Seu sucessor, Dr. John Kerr, publicou doze trabalhos médicos em chinês, construiu um grande hospital e foi o primeiro missionário na China a abrir uma instituição para doentes mentais (Grundmann, 1990, p.120).

Outro aspecto que sempre recebeu atenção especial dos missionários foi a educação. Não é possível medir toda a magnitude do trabalho desenvolvido por eles nesta área. Seus objetivos na criação de instituições educacionais eram basicamente três: preparar liderança para a Igreja; ser um instrumento para aperfeiçoar a sociedade; e evangelizar os estudantes não cristãos. Os graus de sucesso dessas metas variavam, mas os índices de alfabetismo, sobretudo entre os protestantes, aumentaram.

A afirmação de Pierson é muito útil a respeito deste assunto. Ele declara que "em 1915, o índice de analfabetismo entre os católicos romanos no Brasil era de 60 a 80%, enquanto os protestantes eram apenas um quarto deste montante" (Pierson, 1974, p.107). Os defensores de programas de educação cristã concordam que uma das contribuições mais palpáveis feitas pelos missionários presbiterianos no Brasil situa-se provavelmente no campo da educação.

Os primeiros missionários presbiterianos no Brasil ficaram assustados com o alto percentual de analfabetismo que constataram. Isto era notado sobretudo nas classes econômicas inferiores, com quem eram mantidos os contatos mais assíduos. Sob esse aspecto, sem dúvida, o analfabetismo era alto, pois nem a Igreja Católica nem o Estado fizeram grande esforço para alcançar as massas, como observa Brown:

O fundador do trabalho presbiteriano no Brasil, Ashbell Green Simonton, estava profundamente interessado na educação e ansioso de começar o trabalho escolar. Em suas primeiras cartas à junta missionária, Simonton afirmou que a escolaridade era agudamente necessária (Brown, 1947, p.148).

William Carey, David Livingstone, Robert Morrison, Hudson Taylor, Ashbell G. Simonton e muitos outros foram pioneiros no esforço missionário em outros países. Pregaram

zelosamente o evangelho aos nativos da África, Ásia e América Latina e iniciaram muitas reformas sociais necessárias nesses continentes. A história demonstra de modo inequívoco que as missões evangélicas proporcionaram serviços sociais, como medicina, lar para idosos, educação e orfanatos, para benefício dos habitantes locais. Não há dúvida de que a meta primária de todos eles era converter as pessoas à fé em Jesus Cristo, e assim levá-las ao pleno conhecimento de Deus em Cristo. Entretanto, eles não viam nenhum conflito entre essa meta e outras atividades sociais pelas quais também ficaram notavelmente conhecidos.

O que esta rica tradição prova é que as necessidades físicas humanas sempre induziram os cristãos a responder com o melhor de suas capacidades e dons em prol da sociedade, visando à disseminação do evangelho e à magnitude do nome de Deus. Proclamar o evangelho, educando vidas e curando os enfermos, acaba levando a Igreja a seguir o exemplo do único ministério perfeito, que foi o do Nosso Senhor Jesus Cristo. Proclamar o evangelho imitando este modelo é um desafio arrojado para a missão da Igreja na América Latina e por todo o mundo contemporâneo.

Conclusão

Este artigo procurou contribuir para uma compreensão melhor do papel da atividade social cristã da Igreja na América Latina hoje, tendo como propósito fornecer à Igreja contemporânea ponderações que a ajudem a cumprir mais efetivamente sua missão no contexto latino-americano.

É mister que os seguintes fatores bíblicos, teológicos e históricos sejam reconhecidos e vistos como determinantes para o cumprimento da missão da Igreja:

- Que o povo de Deus está investido de uma responsabilidade ética especial em favor do pobre. No Antigo Testamento, a lembrança do povo de Deus como escravo no Egito era razão para motivá-lo a mostrar misericórdia ao oprimido (vide Deuteronômio 24.14-22; Levítico 19.15; Amós 2.6,7; Zacarias 7.9,10). Todos esses ensinamentos a respeito do pobre fazem parte da Palavra de Deus. O Antigo Testamento enfatiza que o Senhor requer justiça para os pobres e julgará aqueles que os oprimem.
- Que o zelo de Deus pelo pobre no Antigo Testamento aparece de modo coerente, dentro do contexto da justiça divina e da obra de justiça no meio de seu povo. Assim, no enfoque bíblico, palavras como "pobre", "necessitado", "oprimido", "forasteiro" têm tipicamente um conteúdo moral, relacionando-se às exigências de Deus por justiça.
- Que a Igreja do Novo Testamento não se omite quanto à obrigação de proceder com justiça na evangelização. A mensagem do evangelho no Novo Testamento de modo algum reduz a inspiração e a autoridade do Antigo Testamento. O Novo Testamento intensifica as manifestações e as exigências da revelação hebraica; de modo algum cancela a ordem de Deus por justiça, caridade e amor. Ao contrário, ele requer uma nova dinâmica e uma nova dimensão àquela instrução (vide Mateus 5-7; Marcos 12.28-34; Lucas 10.30-37; 1 João 4.7-11).
- Que a missão da Igreja neste mundo é mais do que proclamação verbal. É um serviço sacrificial para o qual Cristo envia seus seguidores ao mundo, assim como o Pai o

enviou (vide João 1.14; Filipenses 2.2-11; Marcos 10.44,45; Romanos 5.8).

- Que a obra social cristã está alicerçada sobre uma doutrina mais abrangente de Deus, Cristo, o Reino de Deus, o homem e a Igreja. Tanto no evangelismo como na responsabilidade social, os cristãos devem discernir o próprio Deus como o fundamento para suas ações. Ele criou os homens, e todos terão de prestar contas a ele no dia do juízo. Ele é o Deus de justiça, que, em toda comunidade humana, odeia o mal e ama a justiça (vide Salmo 11.4-7; 146.7-9).
- Que todos os empreendimentos missionários durante a história da Igreja têm se preocupado e se envolvido com o que denominamos *responsabilidade social*. Eles a têm visto como parte de seu ministério de anunciar o evangelho. Além disso, demonstraram o notável grau de consistência, ao longo da história, com sua focalização sobre a educação, assistência médica, agricultura e várias espécies de soerguimento social dos membros abandonados ou oprimidos da sociedade.

Muitas pessoas vêem a igreja como uma espécie de clube, com a diferença de que o interesse de seus membros está voltado para Deus e não para os seus próprios. São pessoas religiosas que praticam atos religiosos em conjunto. Os membros de um clube pagam suas mensalidades e têm direito aos privilégios dos associados; muitos membros de Igreja também seguem este exemplo. Dentro deste cenário, elas se esquecem da compreensão bíblica da Igreja, como a única sociedade cooperativa que existe para o benefício dos não-membros.

Em lugar do clube-modelo, os cristãos precisam restaurar o que pode ser descrito como a dupla identidade da Igreja, a qual, por um lado, é composta de pessoas santas, conclamadas a deixar o mundo e a pertencer a Deus; por outro lado, são pessoas respeitáveis, que ao mesmo tempo são enviadas de volta ao mundo para testemunhar a mensagem do evangelho. De acordo com Stott, "a Igreja é um povo, uma comunidade de pessoas que deve sua existência, sua solidariedade e sua peculiaridade cooperativa distinta de outras comunidades no tocante a uma única coisa – o chamado de Deus" (1982, p.21).

Stott define-a, ainda, como a sociedade alternativa de Deus:

Jesus Cristo oferece uma verdadeira comunidade. A Igreja é parte do evangelho. O propósito de Cristo não é salvar indivíduos isolados e assim perpetuar seu isolacionismo, mas edificar uma Igreja ou criar uma nova sociedade, na qual as barreiras raciais, sociais e sexuais tenham sido ultrapassadas, que se oferece ao mundo como a verdadeira sociedade alternativa e que desafia os valores e padrões do mundo (1988, p.246).

Raramente, em sua longa história, a Igreja tem se lembrado ou preservado esta sua dupla identidade. Algumas vezes, em sua preocupação em princípio adequada com a sua santidade, tem erroneamente se afastado do mundo e se tornado isolada dele. Em outras ocasiões, na sua ênfase, de resto adequada, sobre sua mundanidade (isto é, sua imersão na vida do mundo), a Igreja tem sido assimilada equivocadamente pelos padrões e valores do mundo, tornando-se assim contaminada por eles. Entretanto, se não houver um esforço de preservação de ambas as partes de sua identidade, a Igreja não pode incumbir-se da missão. A missão procede da doutrina bíblica da Igreja em sociedade.

O próprio Jesus ensinou estas verdades em suas vívidas metáforas do sal e da luz. "Vós sois o sal da terra [...] vós sois a luz do mundo" (Mateus 5.13-16), disse ele. Sugeriu que

as comunidades, a nova e a velha, a Igreja e o mundo, são tão radicalmente diferentes um do outro quanto a luz é das trevas e o sal é da terra pisada. Ele também replica que, se quisermos que sirvam para algum bem, o sal devia ser impregnado na carne, e a luz devia brilhar na escuridão. Assim, pois, devem os cristãos infiltrar-se na sociedade dos não-cristãos com a mensagem transformadora e redentora do evangelho.

De conformidade com o Novo Testamento, a Igreja é a comunidade da fé e do amor que confessa, incorpora e implementa o "salvadorismo" e o senhorio de Deus em Cristo. A Igreja verdadeira é uma comunidade que ensina a verdade do amor reconciliador de Deus em Jesus Cristo, pelo poder do Espírito Santo, mercê da adoração, evangelismo e serviço, demonstrados diante da sociedade. Costas, distinguido teólogo, discute o assunto nos seguintes termos:

Como membros da comunidade escatológica da salvação, os cristãos são chamados a interpretar a obra redentora de Cristo por meio da atualização em sua vida diária das características essenciais da salvação. Ter nascido na comunidade da fé e em suas relações com o restante do mundo. Sua experiência de libertação do poder do pecado e da morte requer deles a manifestação do *shalom* de Deus em sua vida (isto é, uma vida de reconciliação, liberdade e plenitude). Sua participação na vida do Reino de Deus requer deles um compromisso com a justiça (1974, p.31).

Referências

ARCINIEGAS, Gérman. *Latin America: a Cultural History*. New York: Alfred A. Knopf, 1972.

BETTENSON, Henry. Documentos de Igreja Cristã. 2 ed. São Paulo: 1963, p. 231-238. Tradução Helmuth A. Simon.

BOSCH, David. *Witness to the World*. Londres: Marschall, Morgan and Scott, 1980.

_____. *Transforming mission: paradigm shift in theology of mission*. Mariknoll, New York: Orbis Books, 1992.

BROWN, Charles Malvern. *A History of the Presbyterian Church U.S.A. in Brazil*. Ohio, 1947. Dissertation (Ph.D.) - Ohio State University.

BURNS, Bradford E. *Latin America: A Concise Interpretive History*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1966.

CALVINO, J. *Institutas*, 1960.

_____. Comentário sobre Efésios 5.21.

CASTRO, Emilio. Liberation Development and Evagelism: must we choose in mission. *Occasional Bulletin of Missionary*, n.3, July, 1978.

COSTAS, Orlando. Evangelism and the Gospel of Salvation. *International Review of Mission*, January, 1974.

_____. *Liberating News*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company,

1989.

DAYTON, Edward, R., FRAZER, David A. *Planning strategies for world evangelization*. Monrovia: Eerdmans Publishing Company, 1999.

DOZER, Donald Marquand. *Latin America: An Interpretive history*. Tempe: Arizona State University, 1979.

DUSSEL, Enrique. *A History of the Church in Latin America: Colonialism to Liberation*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing House, 1981.

FOREL, George W. *Christian Social Teachings*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1966.

GLASSER, Arthur. Mission in the 1990s. *International Bulletin of Missionary Research*, n.13, January: p.2-4, 1990.

GRUNDMANN, Christopher. Proclaiming the Gospel by Healing the Sick. *International Bulletin of Missionary Research*, 14, July, 1990.

HESSELGRAVE, David. *Planting Churches Cross-culturally*. Grand Rapids: Baker Book House Company, 1980.

JOHNSTONE, Arthur. *The battle for World Evangelism*. Wheaton: Tyndale House Publishers, Inc., 1978.

JOHNSTONE, Patrik. *Operation world*. Bulstrode: WEC Publications, 1988.

LINDSELL, Harold. A rejoinder. *International Review of Mission*, n.216, 1965.

MACKINNON, James. *Calvin and the Reformation*. New York: Oxford University Press, 1962.

OLSON, Jeanini E. *Calvin and Social Welfare*. Selinsgrove: Susquehanna University Press, 1989.

PADILHA, René. *The New Face of Evangelicalism*. Londres: Hodder and Stoughton, 1975.

PARKER, Thomas Henry Louis. *John Calvin: a Biography*. Philadelphia, Pennsylvania: Westminster Press, 1975.

PIERSON, Paul. *A younger Church in Search of Maturity*. San Antonio: Trinity University Press, 1974.

RICHARDSON, William. *Social Action versus Evangelism: an Essay on the Contemporary Crisis*. California: William Carey Library, 1977.

_____. *Realities*, Evangelical Mission Quarterly, July, 1991.

RUSSEL, Dan; PEPLAU, Letitia A.; CUTRONA, Carolyn E. The revised UCLA Loneliness

Scale: concurrent and discriminant validity evidence. *Journal of Personality & Social Psychology*. Iowa University Iowa Coll of Education, 1988, v. 39.

RUSSEL, Dan; FERGUSON, Mary L. Developing a measure of lonelissess. *Journal of Personality Assessment*. Los Angeles: University of California, 1978, v. 42.

SCHAEFFER, Francis. *A Christian Manifesto*. Weschester: Crossway Books, 1981.

SIDER, Ronald. *Evangelism, Salvation and Social Justice*. Londres: Hodder and Stoughton, 1979.

STOTT, John. *Christian Mission in the Modern World*. Downers Grove: Inter-varsity Press, 1977.

_____. *One People: Helping your Church Becoming a Caring Community*. Harrisburg: Christian Publications, Inc., 1982.

_____. The Church's Mission in the World. *Bibliotheca Sacra*, n.145, July-September, 1988.

TAYLOR, William. *Crisis in Latin America*. Chicago, Illinois: Moody Bible Institute, 1989.

TAYLOR, William David. Reflections of a maturing MK: Grapling with touch Latin American. Realities. *Evangelical Mission Quaterly*, July, 1991.

WALLACE, Ronald. *Calvin, Geneva and the Reformation*. Grand Rapids: Baker Book House Company, 1990.

* Pastor da Igreja Presbiteriana e coordenador do Departamento de Teologia Pastoral do Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper. Mestre em Teologia (Th. M.) e doutor em Missiologia (D. Miss.) pelo *Reformed Theological Seminary*, Jackson, Mississippi, Estados Unidos.